

## ***MIGRAÇÕES NORDESTINAS PARA A AMAZÔNIA***

**Maria das Graças Nascimento\***

**RESUMO:** Traçamos neste artigo, considerações sobre as correntes migratórias para Amazônia, em especial a que foi chamada de "Batalha da Borracha" criada pelo governo Vargas em 1943, que tinha como objetivo recrutar homens de todas as regiões para o corte da seringa. Migrantes que, na maioria, vieram da região Nordeste, sem, todavia, terem migrado em consequência das secas, pois muitos deles trabalhavam nas cidades já exercendo alguma profissão, não tendo nenhuma ligação com a terra.

**PALAVRAS – CHAVE:** Borracha, Cidade, Secas, Migrantes e Seringa.

**ABSTRACT:** We outline in this article, migratory flows considerations for Amazon, in particular that was called "Battle of Rubber" created by Government Vargas in 1943, which had as its goal to recruit men from all regions for the cutting of the syringe. Migrants, most of which came from the Northeast region, without, however, have migrated as a result of droughts, because many of them worked in cities already exerting some profession, having no connection with the Earth.

**KEYWORDS:** Rubber, Citie, droughts, Migrants and Syringe.

Traçamos neste artigo, considerações sobre as correntes migratórias para Amazônia, em especial a que foi chamada de "Batalha da Borracha" criada pelo governo Vargas em 1943, que tinha como objetivo recrutar homens de todas as regiões para o corte da seringa. Migrantes que, na maioria, vieram da região Nordeste, sem, todavia, terem migrado em consequência das secas, pois muitos deles trabalhavam nas cidades já exercendo alguma profissão, não tendo nenhuma ligação com a terra.

O povoamento de Rondônia <sup>(1)</sup> tem início no final do Século XVII. Além das comunidades indígenas encontravam-se também na região algumas missões de Jesuítas com distribuição espacial irregular. Até o Século XVIII só há registro da passagem dos bandeirantes à procura de ouro bem como das "drogas do sertão"

(As chamadas "Drogas do Sertão" eram: castanhas, corantes, ervas, peles, produtos medicinais, animais vivos e plantas), através do Vale do Rio Guaporé.

Não consideramos que estas pessoas que se encontravam nessa área no final do século XVII, tenham vindo de um processo migratório e sim de deslocamentos isolados e com objetivos específicos. Segundo SOUZA (1978), há migração quando grupos envolvidos no processo migratório fixam residência em outro município diferente daquele de nascimento. Ainda SOUZA, (op. cit. 48):

**Migração interna é um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país que provocam o deslocamento de grupos sociais, pertencentes às diversas classes sociais, os quais, por motivos diversos, deixam o seu município de origem e vão fixar residência noutra.**

Partindo deste princípio, discutiremos duas correntes migratórias para Amazônia, que ocorreram em dois momentos da nossa história e que vão ter fortes influências na produção do espaço desta região: a primeira refere-se à nordestinos que migraram no final do século XIX, e que tinha como principal característica ser uma migração familiar e sertaneja. A segunda analisada será a que ocorreu no período de 1943 a 1945 motivada pela "Batalha da Borracha".

**A PRIMEIRA CORRENTE MIGRATÓRIA:** As migrações nordestinas para Amazônia sempre estiveram ligadas às questões de conflitos no campo, coincidindo com os períodos de seca, e os pequenos agricultores são os que primeiro sentem os efeitos da mesma. Além de serem a maioria da população rural sertaneja, eles não tinham alternativa a não ser migrar.

Boa parte da bibliografia existente sobre o tema enfatiza que os nordestinos, principalmente os sertanejos, migram para outras regiões ou até mesmo para a capital em função das secas que assolam o sertão do Nordeste. O fenômeno da seca é usado como fator de entendimento da migração, e, com isso, esconde-se a questão fundamental, que é a estrutura fundiária nordestina, que vem ao longo de todos esses anos propiciando a expulsão de milhares de pessoas para outras regiões do País.

Segundo MEDEIROS FILHO; SOUZA (1984), a migração em direção ao Norte deu seus primeiros passos na grande seca de 1877-1879. O surgimento do ciclo da borracha transformou-se em grande pólo de atração para as populações rurais do Nordeste. Migrar para a Amazônia nos anos de seca já se tornara constante na história nordestina, principalmente, no Estado do Ceará.

Formaram-se, então, as correntes migratórias para os Estados da Amazônia incentivadas pelo governo (SOUZA; 1978). Também alguns donos de seringais se deslocavam até o Nordeste, principalmente para o Ceará, com o objetivo de recrutar trabalhadores para os seringais, propagando serem elevadas as quantias pagas a eles que, ao desembarcarem em Manaus e Belém, eram logo levados para as zonas produtoras do látex.

No período de 1890 até 1910, o contingente de pessoas saídas para a Amazônia (SOUZA; op. cit.), não teria sido inferior a meio milhão. Vale ressaltar que foi o trabalho destes migrantes que elevou a produção da borracha em 40% do total da exportação brasileira já em 1910.

O índice de migração foi tão alto neste período que preocupou os grandes proprietários nordestinos de terras, pois deixava desfalcado de mão-de-obra o meio rural do Nordeste.

Já na seca de 1904, o Brasil estava no auge de dois momentos econômicos: o da borracha na Amazônia, e o do café no Centro-Sul, havendo inclusive incentivo do governo em forma de passagens gratuitas para que os migrantes pudessem se deslocar para essas regiões. Mesmo aqueles que não queriam sair do nordeste eram compelidos, pois o governo utilizava-se da força policial para obrigá-los a migrar (MEDEIROS FILHO; SOUZA, 1984:59):

**A dramaticidade destes embarques ficou gravada na memória do povo (...). Houve casos de embarques realizados à força em que o marido foi para o Norte e a mulher foi para o Sul.**

A SEGUNDA CORRENTE MIGRATÓRIA: Em decorrência do envolvimento do Brasil na II Guerra Mundial em 1942, o governo brasileiro forneceu contingentes militares para as frentes de combate e firmou convênio com a **Rubber Reserve Company**, assinando também os chamados *Acordos de Washington*, objetivando desenvolver a produção da borracha na Amazônia. Nestes Acordos ficavam estabelecidos os seguintes compromissos:

I- O Brasil concordava em vender a **Rubber Reserve Company** toda a borracha excedente às necessidades do consumo interno;

II- O preço teto fixado para a borracha era de 39 contos por libra para a qualidade fino-lavada (borracha de melhor qualidade, sem impurezas);

III- A **Rubber Reserve Company** concedia um prêmio de 2,5 contos, por libra-peso, para toda a borracha exportada que excedesse a 5.000 toneladas;

ultrapassando este limite, o prêmio seria elevado para 5 contos por libra-peso;

IV- O produto destes prêmios seria aplicado, conjuntamente com o crédito de cinco milhões de dólares concedido ao Brasil, no imediato desenvolvimento da produção, considerando-se não somente a melhoria de sua qualidade, como as condições gerais da região e do trabalhador, através de um plano de sistematização;

V- O Brasil tudo faria para aumentar a produção e, tendo em vista as necessidades dos Estados Unidos, venderia também a produção de borracha manufaturada excedente ao consumo interno;

VI- O Brasil designaria uma única agência de compra e venda para adquirir no interior e colocar no exterior e nas fábricas nacionais toda a produção de borracha;

VII- Os Acordos tinham a duração de cinco anos, com direito a reajustamento periódico de preços durante os três últimos anos, levando-se em consideração as circunstâncias que, porventura, viessem a afetar o custo da produção.

Em decorrência da ocupação japonesa nos seringais da Malásia, os países aliados, impossibilitados de se abastecerem dessa matéria-prima no Oriente, voltam-se para a Amazônia, vendo nela a solução da crise, tendo em vista que a região constituía-se ainda no maior reservatório de seringueiras nativas, podendo, desta forma, mediante o fomento da produção, ressurgir como fonte abastecedora.

Em 1942, ano de grande seca no Nordeste, contingentes significativos de retirantes chegaram à Amazônia. Como conseqüência dessa migração, estimava-se que o número de seringueiros chegava a 34.000, com produção média anual de 16.000 toneladas de borracha. Para aumentar a produção anual para 45 mil toneladas em 1942, 60 mil em 1943 e 100 mil em 1944, como era o desejo dos estadunidenses, seria necessário, pelo menos, quintuplicar o número de extratores, (MARTINELLO; 1985), e por isso o governo brasileiro criou a "batalha da borracha".

Para a viabilização desses milhares de extratores que seriam convocados para a "batalha", foram criados pelos governos brasileiros e estadunidenses, vários órgãos e instituições que se encarregariam do financiamento, recrutamento, transporte, alojamento, assistência médica e sanitária e alimentação para os que lutariam nessa batalha. Para MARTINELLO (op. cit.), as pessoas que estavam à frente destes órgãos e instituições nem sempre cumpriam satisfatoriamente as atividades, e muitas contribuíam para o insucesso da "batalha da borracha". Entre as instituições que foram criadas destacamos:

**-Banco de Crédito da Borracha - BCB**, encarregado de realizar operação de crédito, fomentar a produção, financiar a empresa extrativista, bem como exercer o monopólio final da compra e venda da borracha, tanto interna como externa, criado através do Decreto-lei nº4.841, de 17 de outubro de 1942;

**-Departamento Nacional de Imigração - DNI** tinha como finalidade recrutar e encaminhar trabalhadores para a Amazônia, como também fiscalizar outros órgãos envolvidos na mobilização;

**-Comissão de Controle dos Acordos de Washington - CCAW**, coordenando e auxiliando as atividades de grupos brasileiros e estadunidenses que atuavam na operacionalização da "batalha da borracha", criada através do Decreto-lei nº4.523, de 25 de julho de 1942;

**-Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico - SAVA**, tendo como finalidade abastecer com gêneros alimentícios o Vale Amazônico, e ainda coordenar as medidas a serem tomadas com os Estados da região visando o abastecimento e incremento da produção de alimentos, providenciando a aquisição das mercadorias, dentro e fora do país, e seu transporte para a Amazônia, formando estoques, criada através do Decreto-lei nº5.044, de 04 de dezembro de 1942;

**-Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia - SEMTA**, depois substituído pela **Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia - CAETA**, cujo objetivo era recrutar, encaminhar e colocar trabalhadores nos seringais, transportando-os até Belém;

**-Serviço Especial de Saúde Pública - SESP**, encarregado de prestar assistência médica e sanitária aos "soldados da borracha";

**-Serviço de Navegação e Administração do Porto do Pará - SNAPP**, encarregado de transportar os "soldados da borracha" dos portos de Belém para Manaus, Porto Velho e Acre.

A partir de 1942 algumas entidades estadunidenses vinham trabalhando em conjunto com entidades brasileiras no sentido de prover o aumento da mão-de-obra necessária às novas exigências do aumento da produção para a indústria bélica aliada, importando inclusive mão-de-obra de outros países como Porto Rico. O governo brasileiro, no entanto, recusou esta proposta, optando por transladar a mão-de-obra necessária de outras regiões do País.

Coincidindo com esta necessidade premente de nova e abundante força de trabalho para a região, a seca nordestina de 1942 veio reunir cerca de 20 a 30 mil flagelados em Fortaleza, ensejando mão-de-obra farta para os seringais (MARTINELLO; 1985). Essa primeira fase envolvia o **Departamento Nacional de Imigração** (DNI) e a **Rubber Development Corporation** (RDC), conseguindo trazer para Amazônia cerca de 15.000 pessoas no ano de 1942 e início de 1943.

Este contingente de flagelados nordestinos era constituído de sertanejos vindos do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, homens que deslocavam-se com as famílias para a capital, no intuito de emigrar. Era uma migração familiar e que voluntariamente se destinou ao corte da seringa; são os chamados "seringueiros voluntários".

Nesta etapa, após a criação da "batalha da borracha", em 1943, entra em ação, com o objetivo de selecionar, transportar e localizar os trabalhadores nos seringais da Amazônia, o SEMTA, visto que o empenho do DNI não era suficiente para agilizar o novo surto da borracha. Pelas precariedades de recursos materiais disponíveis para transporte e alojamento, era quase impossível naquele momento recrutar milhares de pessoas, como queriam os altos escalões do governo estadunidense. O SEMTA tinha como meta recrutar e transportar para Amazônia mais de 50.000 trabalhadores solteiros. Os esforços para atraí-los estavam estampados nas propagandas não só no Nordeste, mas também em outras regiões, com promessas de auxílios aos familiares que iriam ficar nos lugares de origem.

Mas no ano de 1943 sabia-se da situação de penúria que se encontravam os dependentes dos "soldados da borracha" recrutados pelo SEMTA. Por isso, e por acordos que não foram cumpridos entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, esse serviço teria pouco meses de existência.

Esse segundo momento migratório promovido pelo SEMTA se diferencia do primeiro, promovido pelo DNI e RDC, que tinham como motivação a seca, e foram migrações espontâneas e familiares. Este segundo, por sua vez, acena com vantagens diversas, como veremos a seguir, contemplando o deslocamento de pessoas dos diversos pontos do País, inclusive dos centros urbanos, como mostra MARTINELLO (1985):

**Enquanto o primeiro movimento migratório havia sido organizado, de início, à maneira tradicional com os sertanejos (...) este novo contingente ampliou-se e "enriqueceu-se" com outros elementos regionais desconhecidos e estranhos ao próprio meio e à história econômica e demográfica da Amazônia, cariocas do morro e da cidade, fluminenses de Niterói e do interior do Rio, capixabas de Vitória do Espírito Santo, baianos de Ilhéus e de Salvador, pernambucanos de Recife, mineiros da capital e das serras. De todas as classes, cores, profissões e idades. Ferreiros, carpinteiros, engraxates, choferes de caminhão, operários de fábricas e usinas, cansados das máquinas e seduzidos pela oportunidade de conhecer, à custa do governo, terras e paisagens distantes; trabalhadores braçais e agricultores, cujo sedentarismo não podia vencer a emoção psicológica da aventura há muito recalçada e comprimida, eis a grande "arca de Noé" que formava esta segunda leva de "soldados da borracha".**

Neste momento da migração o SEMTA encaminhou para Amazônia apenas homens solteiros, (mais ou menos 11.000) que foram arrebanhados de outras regiões do País, inclusive de cadeias públicas, principalmente influenciadas pelas propagandas. Destes, apenas novecentos foram colocados nos seringais, e os demais ficaram em Belém e em Manaus. Conforme entrevistas e revisão bibliográfica que realizamos, estes migrantes viviam promovendo "arruaças e bagunças", dando má fama à imagem do migrante nordestino, pois a partir destes eventos todos os "soldados da borracha" passaram a causar medo nos moradores das cidades como ilustra as citações abaixo:

**Quando na segunda migração do encaminhamento do SEMTA, que é o Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia, foi um órgão criado durante a guerra em 42. Esses encaminharam só pessoas solteiras, onze mil solteiros que foram arrebanhados do sul do país, eles vieram pra Belém e Manaus, eles fizeram a maior revolta do mundo dentro dos campos (...) Porque eles eram solteiros e viviam de arruaça. Eles gostavam mais de sair dos campos pra beber, pra farrear. (Entrevista com o Pesquisador Pedro Martinello- Rio Branco-Acre, 1995)**

**Enquanto isso, a outra corrente, a partir de 1943, viajando mais ao sabor da aventura, constituídos de brasileiros cosmopolitas e urbanizados, já sem vínculos regionais, desenraizados, sem afeição à sua "querência", viria criar sérios problemas de adaptação e integração ao novo ambiente, a partir de suas cheganças. A sua psicologia e intenção era mais de "chegar-ver-e-voltar-logo-que-possível". Já a da outra era "chegar-enricar-e-voltar-se-Deus-permitir". Na impossibilidade do regresso, essas novas levas de imigrantes, mal chegados, fugiam das hospedarias, e dos albergues de recepção (...). Muitos se marginalizavam logo, outros desafogavam o desespero no crime, na valentia e na cachaça (...). Ficavam amontoados e ociosos nos acampamentos à espera inquieta do verão que não chegava para o início do fábriço. (...) a atitude desse novo tipo de imigrante, mesmo aventureiro, preferia ficar na cidade ao léu, com seu uniforme típico de "soldado da borracha": calça de mescla, chapéu de palha virado, blusa larga de algodão, mochila às costas, alpercata de rabicho, barba grande, a peixeira à ilharga. Andavam aos bandos a**

**procura de emprego, da birosca para comer sua gororoba, do boteco para beber e esquecer os mal-ditos, e das festas e dos arrasta-pés dos bairros pobres, onde iam à procura de diversão; não raro, transformavam-nas em cenas de bebedeiras, de valentia e de pega-prapar, BENCHIMOL (1992:229).**

O resultado desta "desordem" era o medo e o preconceito da população local. Os nordestinos recebiam a culpa pela ação praticada por todos os outros, fossem estes nordestinos ou não. Entretanto, poucos tinham conhecimento da situação de tensão que vivia os migrantes nos acampamentos, devido ao longo período de espera para serem levados aos seringais, uma vez que muitos aguardavam seis meses ou mais. Isso porque os órgãos responsáveis em instalá-los não tinham agilidade nesta operação, porque o trabalho destes órgãos era interligado, e, se um deles não cumprisse com sua atividade, os demais ficavam prejudicados e era, normalmente, o que acontecia. Algumas vezes esses migrantes ficavam impossibilitados de locomoção devido às grandes estiagens que baixam consideravelmente o nível das águas de rios e igarapés, impedindo o transporte de embarcações de médio e grande calado, como era o caso das embarcações do SNAPP. Os seringalistas, por sua vez, preferiam não arcar com despesas para manter os seringueiros na sede sem destiná-los de imediato para as colocações. Outras vezes faltava alimentação para garantia dos mesmos nas zonas produtoras do látex, ou seja, a SAVA não tinha estoque de alimentos como previsto no contrato. Outro motivo que causava a longa espera nos acampamentos era o aguardo do início do período do "fábrica" (ciclo de corte do látex, que ocorre no período não chuvoso). Neste, a responsabilidade era do SEMTA e CAETA que não obedeciam ao calendário do corte da seringa e encaminhavam os trabalhadores em qualquer época, e a conseqüência eram as constantes revoltas nos acampamentos de Belém, Manaus e Porto Velho.

Em setembro de 1943 foi criado, pelo Decreto-Lei nº 5.813, a **Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia** - CAETA, substituindo as agências responsáveis pelo recrutamento da mão-de-obra para a Amazônia, sob a jurisdição da **Comissão de Controle dos Acordos de Washington** - CCAW. Esta adota uma política seletiva para o encaminhamento de trabalhadores para a empresa extrativista. A preferência passou a ser dada a nordestinos recrutados com a família nas áreas atingidas pela seca.



Entre 1943 e 1945, o SEMTA e a CAETA levaram, aproximadamente, cinquenta mil trabalhadores, a maioria deles motivada pelas propagandas que, por sinal, eram bem feitas e atraentes. Nelas o "leite" era farto, o preço era bom e, pelas garantias dos contratos, o "soldado da borracha" passaria apenas dois anos na Amazônia. Eram contratos assinados na agência de recrutamento, que por sua vez responsabilizava-se pelo deslocamento, assegurando passagens e todas as demais despesas do trajeto, com uma pequena remuneração. Destacamos aqui o Termo de Compromisso entre o SEMTA e o "Soldado da Borracha" recrutado:

**Os benefícios concedidos e as obrigações assumidas pelo trabalhador são as seguintes:**

**a) O DNI fornecerá gratuitamente ao trabalhador:**

- 1- Meios de transporte para ele e para seu equipamento de viagem, dos pontos de recrutamento e concentração aos de locação nos seringais;**
- 2- Alojamento nas hospedarias durante a viagem;**
- 3- Assistência médica e sanitária nos locais indicados no item 2;**
- 4- Equipamento de viagem, que ficará sendo de propriedade do trabalhador, composto de vestuário: duas calças e um blusão, um par de alpercatas ou equivalente, uma rede, uma mochila, uma caneca, um prato fundo e talher;**

Novo vestuário se, decorridos três meses do fornecimento do equipamento inicial, não estiver ainda o trabalhador colocado no seringal

**6- Alimentação adequada, durante a vigência deste termo de compromisso.**

**b) O DNI, a título de auxílio, efetuará os seguintes pagamentos ao trabalhador: R\$ 20\$ (vinte contos de réis) quando assinar o presente contrato, R\$ 20\$ (vinte contos de réis) quando chegar a Belém e R\$ 200 \$ (duzentos contos de réis) na ocasião da assinatura do contrato de Trabalho**

**c) O DNI proporcionará, ao trabalhador e sua família, a necessária e indispensável assistência religiosa;**

**d) O trabalhador, durante a vigência deste termo de compromisso, se obriga a prestar, a critério da administração do DNI, qualquer trabalho previsto pela legislação trabalhista, recebendo o salário diário de 4 \$ (quatro contos de réis) sem prejuízo do auxílio constante da letra "b"**

**e) O trabalhador obriga-se a observar os regulamentos dos acampamentos e das companhias de navegação, quando embarcado;**

**f) Se por motivo relevante e justo, durante a vigência deste termo de compromisso, não convier ou não foi possível o aproveitamento do trabalhador, será ele conduzido para o ponto onde foi recrutado. Ficam ressalvados os casos de comprovada força maior e os decorrentes de justa causa para rescisão dos contratos de trabalho especificados no artigo 482, da Consolidação das Leis de Trabalho; e**

**g) Se o trabalhador, durante a vigência deste, solicitar peças do equipamento de que trata a letra "a", antes de decorridos três meses do fornecimento inicial, ou der lugar a prejuízos de qualquer natureza, fica acordado ser lícito o desconto das importâncias correspondentes aos causados, da quantia de 200\$ (duzentos contos de réis), referida na letra "b". (Este Termo de Compromisso elaborado pelo SEMTA, consta do Dossiê elaborado pelo Ministério Público para efeito de aposentadoria dos Soldados da Borracha)**

O outro contrato era assinado, quando da chegada do trabalhador no seringal, com o próprio patrão, no qual eram assegurados direitos, constando inclusive a participação nos lucros da venda da borracha produzida.

A PROPAGANDA: Com a implantação da "Batalha da Borracha", a participação do governo federal foi ativa, e o próprio presidente Getúlio Vargas desencadeou vasta propaganda no sentido de sensibilizar a população brasileira para que se engajasse nesta "batalha" em "defesa da pátria ameaçada", como bem mostra a mensagem abaixo aos "soldados da borracha":

**Seringueiros: Dediquei todas as energias à batalha da borracha. Precisamos de mais borracha, pois é sobre ela que se encontra a guerra moderna, pois são grandes os equipamentos que necessitam da goma elástica, produzidos sem repouso, colhendo o látex abundante das seringueiras do Vale Amazônico. Nas guerras modernas não fazem parte somente os soldados que estão nos campos de batalha, mas, toda a nação: homens e mulheres, velhos e crianças. A vós desbravadores da Amazônia sois os mais importantes soldados. Unidos veremos sibilarem a bandeira do Brasil. (Jornal O Acre n. 742 de 20.05.43- Rio Branco-Acre.)**

Apelos como este foram divulgados maciçamente no Nordeste. Levavam a crer que o governo, visando sanar problemas de carência de mão-de-obra nos seringais, considerava a região, que nos tempos áureos da produção da borracha amazônica tinha sido a fornecedora da força de trabalho que expandiu a produção da goma elástica, como "salvadora da pátria". O objetivo era atrair o maior número possível de extratores para ingressar na "Batalha da Borracha", invocando sentimentos patrióticos, com uma intensa propaganda massificada, convocando a população a se engajar no esforço de guerra em favor dos aliados. Era comuns apelos deste tipo saírem diariamente nos rádios e nos jornais.

**Seringueiros! (...) o instante que atravessa a Pátria não deixa a nenhum filho do Brasil o direito de esquivar-se do cumprimento do dever. Os esforços de guerra que empreendemos para derrotar os soldados tiranos, e as batalhas que travamos nos campos, fábricas, mares, céus, escolas, lares, templos de fé e etc., estão a exigir de todos nós- soldados da liberdade - uma contribuição maior e melhor pela vitória do Brasil e dos aliados. Todas as nossas atenções e preocupações devem estar voltadas neste momento grave de nacionalidade para a voz de comando do chefe nacional Getúlio Vargas obedecendo com energia e boa vontade, afim de que mais tarde, vitoriosos, olhemos com orgulho o passado de cabeça erguida, entreguemos a nossos filhos e legado dos nossos maiores: A Pátria estremecida, com sua história acrescida do nosso exercício e do amor ao Brasil." (Jornal - O Acre n. 742, 30.05.43, Rio Branco - Acre.)**

Desta forma, mobilizou-se verdadeiro exército de extratores, como se fossem realmente soldados indo para os campos de batalha em defesa da pátria, procedendo-se o alistamento e até a concessão de uniformes para aqueles que seriam os soldados que lutariam nas selvas da Amazônia.

Além dos sentimentos patrióticos, outros subterfúgios foram usados. A propaganda enganosa apresentava a Amazônia como paraíso e eldorado, oferecendo grandes possibilidades de enriquecimento para aqueles que entrassem no "exército".

Nos postos de "aliciamento" eram colocados cartazes onde apareciam seringueiros em meio a uma vasta floresta de seringueiras colhendo látex em grandes tambores carregados por caminhões e jeeps, como se fossem seringais da Amazônia. Os migrantes não se davam conta de que isto era apenas mais um engodo para atraí-los, pois os cartazes retratavam não os seringais nativos, mas sim, os seringais cultivados da Malásia, ou seja, realidade bem diferente daquela que iriam enfrentar na Amazônia. Havia nos folhetos do SEMTA propagandas como esta:

**O Brasil insultado na sua honra e compreendendo o dever de lutar pela liberdade do mundo, na guerra de vida ou morte que ora se trava (...). É a nossa própria dignidade que está em jogo (...). Mas não só pelas armas podemos e devemos concorrer para o triunfo completo da liberdade humana (...). Assim, tanto é soldado o que se alista no quartel, como o que se oferece para trabalhar nos seringais da Amazônia: um é o soldado da caverna, o aviador, o marinheiro; o outro é Soldado da Borracha, herói da Amazônia. Ambos estão em igualdade de condições perante a Pátria... (FERREIRA, 1991:02)**

Os nordestinos optavam pela Amazônia, alistando-se no exército da borracha, pois acreditavam que correriam menos riscos de vida e ainda contavam com a possibilidade de enriquecimento, produzindo borracha no esforço de guerra para os aliados, para então retornarem a sua terra vitoriosos.

Segundo se apreende das entrevistas com os que vieram nessa época, a propaganda do governo para atrair jovens para a Amazônia era "enganadora", e isso foi descoberto somente quando já estavam nos seringais. Dizia-se nas propagandas, tanto em jornais como em pinturas feitas nos muros de cidades nordestinas, que a seringueira dava bastante frutos, do tamanho de uma "bola", e o trabalho do seringueiro seria apenas o de colher tais frutos e que custavam muito dinheiro, sendo, portanto, fácil ficar rico com essa atividade. Em outros casos aparecia a

seringueira com as folhas desenhadas como se fossem notas de dinheiro. É claro que as propagandas foram exercidas sem limites, sempre mostrando que os "Soldados" ficariam ricos com facilidade além de "servir a pátria". Todos esses engodos usados como atrativos, pelo governo e seus representantes, contribuíram para arrastar milhares de migrantes viajando em condições perigosas:

Embarquei no dia 14 de setembro de 1943 de São Luiz às dezoito horas com destino a Belém do Pará, cuja viagem foi um sofrimento, devido a guerra, tivemos que viajar em completa escuridão, pois nós não podia nem acender sequer um cigarro. O navio era acompanhado por um caça minas que rondava o navio constantemente (...) (Entrevista em março de 1992, na Vila de São Carlos-RO.)

A viagem era longa e cansativa, em navios superlotados, sem o mínimo conforto, onde viajavam mais de mil pessoas, homens, mulheres e crianças, gerando caos e tumulto num moderno navio negreiro. A alimentação era de péssima qualidade. Ao chegarem a Belém e a Manaus a situação piorava. Muitos chegavam doentes, outros adoeciam nas pousadas onde eram jogados. Segundo os depoimentos dos "soldados da borracha", eles eram "amontoados como animais, sofrendo fome e humilhações". Nas pousadas ficavam esperando dias ou meses até chegarem aos seringais. Neste "exército da borracha" morreram mais "soldados" do que no exército da Força Expedicionária Brasileira que lutava nos campos da Itália, para onde foram enviados nos período de junho de 1944 a fevereiro de 1945 um total de 25.334, pessoas. Destes, apenas 15.059 constituíam o grupo de artilharia e 10.265 era o pessoal de apoio como o grupo de depósito e das várias divisões dentro dos escalões. Segundo CABRAL (1982), este exército lutou durante 239 dias e retornou ao País. Fora os mortos e os que foram capturados como prisioneiros pelo inimigo, desembarcaram no total 23.811 pessoas.

Nas trincheiras da "Batalha da Borracha" milhares de "soldados" foram exterminados pelas doenças que os debilitava sem terem o mínimo de assistência, abandonados pelos "comandantes" no meio desta "batalha", vítimas do descaso do governo e seus representantes, além de lutarem praticamente a vida toda.

*NOTA:*

*(1)- A Segunda Grande Guerra Mundial provocou a reativação dos seringais da Amazônia e propiciou a criação do Território de Guaporé, com o desmembramento de terra dos Estados*

do Amazonas e do Mato Grosso, através do Decreto-Lei nº. 5.812 de 13 de setembro de 1943, e que só teria o nome modificado em 1956, quando, numa homenagem aos trabalhos de Rondon, denomina-se, consoante Lei nº. 2.731 de 17 de novembro daquele ano, Rondônia. E somente através da Lei complementar nº. 041 de 22 de dezembro de 1981, Rondônia transformou-se em Estado.

## BIBLIOGRAFIA

- BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus, Imprensa Oficial, 1992. CABRAL, Francisco Pinto. **Um Batalhão da FEB no Monte Castelo**. São Paulo, Tese, Mimeog., FFLCH/USP, 1982.
- FERREIRA, Jaime. **A Guerra da Borracha**. Porto Velho-RO, Ministério Público, 1991. Mimeog. Jornal **O Acre**, Nº 742 de 30.05.1943 Rio Branco Acre.
- MARTINELLO, Pedro. **A Batalha da Borracha na II Guerra Mundial e suas Conseqüências para o Vale Amazônico**. São Paulo, Tese Mimeog., FFLCH/USP, 1985.
- MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar. **Os Degredados Filhos da Seca**. Petrópolis, Vozes, 1984. SILVA, Maria das Graças S.N. **Espaço Ribeirinho: Migrações Nordestinas para os Seringais da Amazônia**. São Paulo, Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 1996.
- SOUZA, Itamar. **Migrações Internas no Brasil**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Mimeog., FFLCH/USP, 1978.

\***Maria das Graças Nascimento**. Mestre em Geografia Humana pela USP  
Pesquisadora-Associada do Laboratório de Geografia Humana e Planejamento Ambiental,  
Pesquisadora do Centro do Imaginário Social/UFRO.